

No Chile a primeira etapa da sexta viagem do Pontífice no continente americano

O futuro constrói-se com a escuta

Encarar a realidade

GIOVANNI MARIA VIAN

Muito intenso foi o dia que o Papa passou em Santiago durante a sua viagem ao Chile e ao Peru: celebrando antes de tudo uma missa no grande parque O'Higgins para muitíssimos fiéis, depois recebendo sozinho na nunciatura um grupo de vítimas de abusos cometidos por sacerdotes. O Pontífice visitou em seguida a penitenciária feminina, encontrando-se sucessivamente com clero, bispos, jesuítas e, por fim, prestando homenagem a Alberto Hurtado, o qual, juntamente com o amigo Manuel Larraín, depois bispo de Talca, em meados do século XX, foi uma das figuras emblemáticas do catolicismo chileno contemporâneo. Com um tema de fundo, a necessidade de encarar a realidade, frisado sobretudo na longa meditação feita por Bergoglio na catedral, diante de sacerdotes, religiosos e seminaristas.

A referência constante do Pontífice foi precisamente o confronto entre realidade e Evangelho, através da contemplação de Jesus segundo o método iniciano, desde a homilia durante a grande celebração da manhã até ao encontro alegre e comovedor com algumas centenas de presas, a maioria jovens, muitas delas com os seus filhos pequeninos. A estas mulheres o Papa Francisco, visivelmente comovido, soube tocar o coração falando de futuro, ou seja, da necessidade de olhar em frente e da dignidade que ninguém deve tirar a qualquer ser humano.

Pouco depois do encontro com as vítimas de abusos, dirigindo-se ao clero, Bergoglio meditou prolongadamente sobre a figura de Pedro e dos discípulos após a morte de Jesus: abatidos, perdoados, transfigurados. «Sempre gostei do estilo dos Evangelhos que não adornam, não mitigam os acontecimentos» porque «nos apresentam a vida como ela é», sem «medo de nos mostrar os momentos difíceis, e até conflituosos, por que passaram os discípulos» disse o Papa, o qual observou, citando um texto seu de finais dos anos oitenta, que a pior tentação talvez seja a de «ficar parado a ruminar a desolação» em tempo de dificuldades.

A vigésima segunda viagem internacional do Pontífice, a sexta no continente americano, teve início no dia 15 de janeiro com um longo voo que o levou ao Chile, país no qual permanecerá até quinta-feira 18, deslocando-se em seguida para o Peru.

E durante a primeira etapa desta visita papal, Francisco frisou que

solidadas no dia a dia, porque «uma nação é uma missão a cumprir».

«Cada geração – afirmou o Pontífice no discurso dirigido às autoridades e aos representantes da sociedade e do corpo diplomático, reunidos no pátio do palácio presidencial – deve fazer suas as lutas e as conquis-

paz e a justiça» – lançou também um apelo «a prestar atenção preferencial à nossa casa comum».

Na tarde de terça-feira, 16 de janeiro, na catedral de Santiago, teve lugar o encontro com os sacerdotes e religiosos do Chile, aos quais Francisco disse que só uma Igreja que não esconde as próprias chagas pode ser «capaz de compreender as chagas do mundo de hoje e de as fazer suas, sofrê-las, acompanhá-las e procurar curá-las», pois a consciência das próprias feridas abre os horizontes da solidariedade e liberta da tentação de «se tornar autorreferenciais, de acreditar que somos superiores». O encontro ofereceu ao Pontífice a ocasião para voltar a falar da questão dos abusos contra os menores por parte de ministros da Igreja, renovando o pedido de perdão. E pouco antes, no final da missa celebrada no parque O'Higgins, encontrou-se na nunciatura com um pequeno grupo de vítimas e ouviu as suas histórias de sofrimento, num clima de grande comoção e recolhimento.

O dia do Papa em Santiago teve outro momento comovedor na penitenciária feminina da capital, onde se realizou o encontro com mais de seiscentas mulheres presas. Ao saudá-las o Papa exortou-as a não «perder a esperança» e a não «deixar de sonhar». Portanto, cada pena «deve ter um horizonte». E «uma condenação sem futuro – afirmou – não é humana: é uma tortura».

Na conclusão do dia, na catedral, o Pontífice saudou os bispos do país e em seguida foi em visita ao santuário dedicado a santo Alberto Hurtado, onde se encontrou com a comunidade jesuíta e com um grupo de marginalizados assistidos pela obra Hogar de Cristo.



um desafio «grande e apaixonante» espera hoje o Chile: trabalhar para que a democracia alcançada e consolidada nas últimas décadas seja realmente «um lugar de encontro para todos». De facto, do palácio de La Moneda – onde na manhã de 16 de janeiro se realizou o primeiro encontro público – o Papa recordou aos chilenos que as metas civis e sociais conquistadas «não se alcançam de uma vez para sempre», mas devem ser confirmadas e con-

tas das gerações precedentes e levá-las a metas ainda mais altas». Para Francisco, o futuro do Chile depende, em grande parte, da capacidade de escuta que tiverem o seu povo e as suas autoridades». E aqui as palavras do Papa deixaram espaço à «dor» e à «vergonha» pelo «dano irreparável causado a crianças por parte de ministros da Igreja».

O Pontífice – que depois do encontro foi ao parque O'Higgins de Santiago para celebrar a missa «pela

Francisco celebrou o dia mundial do migrante e do refugiado

Vencer o medo

O «forasteiro, o migrante, o refugiado e o requerente de asilo» quando chegam a uma nova terra são uma ocasião de «encontro com Jesus», quer para quem acolhe, quer para quem é acolhido. Eis por que Francisco, por ocasião da missa para o dia mundial do migrante e do refugiado, celebrada a 14 de janeiro na basílica de São Pedro, fez um urgente convite a «superar os nossos receios para poder ir ao encontro do outro, para o acolher, conhecer e reconhecer». O Pontífice apelou a uma verdadeira integração feita de reciprocidade: com efeito, disse, «quem chega» é chamado a «conhecer e respeitar as leis, a cultura e as tradições dos países onde são acolhidos», e ao mesmo tempo as comunidades locais devem «abrir-se à riqueza da diversidade sem preconceitos, compreender as potencialidades e as esperanças de quantos chegam, assim como a sua vulnerabilidade e receios».

Também no Angelus, depois da missa, Francisco voltou a falar do dia do migrante, anunciando que a partir do próximo ano será celebrado no segundo domingo de setembro.



O secretário de Estado falou sobre a viagem

Difícil mas apaixonante

«Será uma viagem não simples, mas verdadeiramente apaixonante», durante a qual, entre outros, serão abordados temas significativos como o papel «das populações indígenas no âmbito das sociedades» e a chaga «da corrupção que impede o desenvolvimento». Poucos dias antes da partida do Papa Francisco rumo ao Chile e ao Peru, o cardeal Pietro Parolin

sintetizou deste modo a visita do Pontífice a duas Igrejas locais «particularmente vivazes» e chamadas «a enfrentar numerosos desafios face à realidade do mundo de hoje». Num entrevista publicada online em Vatican News na manhã de quinta-feira, 11 de janeiro, ao microfone de Alessandro Gisotti, o secretário de Estado falou não só da iminente via-

gem apostólica, mas também das perspectivas de um 2018 que verá a continuação do processo de reforma da Cúria e que, com as assembleias sinodais e o encontro mundial de Dublin, será um ano dedicado aos jovens e à família.

Será, afirmou o cardeal, «um ano caracterizado precisamente por uma especial concentração da atenção da Igreja, a todos os seus níveis, sobre os jovens, por conseguinte sobre as suas expectativas, aspirações e desafios, aos quais devem fazer face, e também sobre as esperanças que acalentam, assim como as debilidades e recessos». Uma Igreja em busca de «uma nova relação», que evite «qualquer paternalismo» e que, ao contrário, solicite «responsabilidades». E que, disse o cardeal Parolin citando uma conhecida expressão de John Fitzgerald Kennedy, pergunte aos jovens não só o que ela pode fazer por eles, mas também «o que podem eles fazer pela Igreja, que contributo podem dar ao Evangelho, à difusão do Evangelho hoje». Ou seja, a Igreja deseja inaugurar um novo diálogo: compreender os jovens, ajudá-los, mas sobretudo fazer com que sejam protagonistas. E, concluiu, «penso que eles saberão responder a este convite com a sua generosidade e também com o seu entusiasmo».

O tema dos jovens traz consigo, quase como consequência, o da família. Âmbito no qual, frisou o purpurado, o Papa Francisco está de igual modo a procurar levar por diante «um novo paradigma»: trata-se de compreender plenamente «o espírito novo», a «abordagem nova» que brotou da celebração dos dois últimos sínodos e da publicação de

Amoris laetitia. Sem dúvida – explicou o secretário de Estado, solicitado em relação ao debate que precisamente a exortação apostólica suscitou no mundo católico – «cada mudança traz sempre dificuldades»; mas estas «devem ser tidas em conta e enfrentadas com seriedade, a fim de encontrar respostas que se tornem momentos de ulterior crescimento, de ulterior aprofundamento». E a celebração do dia mundial da família, no próximo mês de agosto em Dublin, será útil precisamente nesta perspectiva. No fundo – acrescentou o purpurado – trata-se de compreender que «a *Amoris laetitia*, além de ser um abraço que a Igreja dá à família e às suas problemáticas no mundo de hoje, para ajudar verdadeiramente a encarnar o Evangelho», é ao mesmo tempo «também um pedido de ajuda às famílias, a fim de que colaborem e contribuam para o crescimento da Igreja».

Conseguir encarnar o Evangelho na vida diária e evangelizar por testemunho é, de facto, o fio condutor que acompanha as reflexões do cardeal Parolin. É o objetivo predominante no raciocínio feito sobre os jovens e as famílias, mas também o que sobressai na resposta a uma pergunta acerca do futuro do processo de reforma da Cúria. A este propósito, mais do que falar sobre as mudanças estruturais ou sobre a promulgação de novas leis, normas ou nomeações, o secretário de Estado fez questão de frisar «o espírito profundo que deve animar qualquer reforma da Cúria, que é «a dimensão fundamental da vida cristã, isto é, a conversão». É necessário, acrescen-

CONTINUA NA PÁGINA 3

Rumo a Santiago



O Santo Padre recebe em dom a cópia do carro usado pelo santo jesuíta chileno, Alberto Hurtado, para levar refeições aos pobres (Ap)

O Boeing 777 da Alitalia com a bordo o Papa Francisco descolou às 8h55 de segunda-feira, 15 de janeiro, do aeroporto romano de Fiumicino rumo ao Chile. Na tarde de sábado 13, como de costume, o Pontífice foi à basílica de Santa Maria Maior para confiar a viagem à *Salus populi romani*. Antes da partida, na manhã de segunda-feira, Francisco foi saudado na Casa Santa Marta pelos cardeais Sodano, decano do colégio, e Bertello, presidente do Governatorato do Estado da Cidade do Vaticano, acompanhados pelo arcebispo esmoler Konrad Krajewski e pelos familiares de uma jovem recentemente falecida por causa de um acidente rodoviário. Sucessivamente, de automóvel, o Papa chegou a Fiumicino onde foi saudado pelo arcebispo Georg Gänswein, prefeito da Casa pontifícia. No momento da descolagem, Francisco enviou telegramas aos chefes de Estado dos países sobrevoados. Em seguida, durante o voo, recebeu em dom a cópia do carro usado pelo santo jesuíta chileno Alberto Hurtado para levar refeições aos pobres.

Visita imprevista

Ao túmulo do bispo dos pobres

da nossa enviada SILVINA PÉREZ

O semblante sorridente das três crianças que recebem o Papa Francisco trazendo nas mãos um ramo de flores é o primeiro fotograma que



descreve de maneira metafórica os verdadeiros protagonistas dos desafios que o continente latino-americano deve enfrentar no futuro. O Chile é uma nação demograficamente jovem, cuja história festejará precisamente daqui a alguns meses duzentos anos de independência.

Inicia aqui, do fim do mundo, a vigésima segunda viagem internacional, a sexta à América Latina, do Papa Francisco. O boeing 777 da Alitalia com a bordo o Pontífice chegou a Santiago antes do horário previsto, às 19h20, depois de cerca de quinze horas de um voo longo, longuíssimo.

No início da viagem o Papa, como de costume, saudou a tripulação e os jornalistas do séquito: «Obrigado pelo vosso trabalho que será árduo: três dias num país e três nou-



tro. Para mim o Chile não será tão difícil porque estudei lá um ano, tenho muitos amigos, e conheço-o bem – isto é, conheço mais. O Peru, ao contrário, conheço-o pouco, porque estive lá duas ou três vezes para congressos, encontros». Permaneceu com os jornalistas cerca de 45 minutos, saudando e dedicando atenção a cada um, e alguém lhe perguntou se

receava uma guerra nuclear: «Sim, tenho deveras medo», respondeu. Depois, Francisco pediu para distribuir aos presentes uma fotografia tirada em Nagasaki depois da explosão atômica. Uma imagem crua, muito triste, a qual mostra um menino que carrega às costas o irmão morto. No reverso o Papa es-

CONTINUA NA PÁGINA 5

L'OSSERVATORE ROMANO

EDIÇÃO SEMANAL EM PORTUGUÊS
Unicuique suum Non praevalebunt

Cidade do Vaticano
ed.portugues@ossrom.va
www.ossromatoromano.va

GIOVANNI MARIA VIAN

diretor

Giuseppe Fiorentino

vice-diretor

Redação

via del Pellegrino, 00120 Cidade do Vaticano
telefone +39066989420
fax +390669883975

TIPOGRAFIA VATICANA EDITRICE

L'OSSERVATORE ROMANO

don Sergio Pellini S.D.B.

diretor-geral

Serviço fotográfico

telefone +390669884797
fax +390669884998
photo@ossrom.va

Assinaturas: Itália - Vaticano: € 58,00; Europa: € 100,00 - U.S. \$ 148,00; América Latina, África, Ásia: € 110,00 - U.S. \$ 160,00; América do Norte, Oceânia: 162,00 - U.S. \$ 240,00.

Administração: telefone +390669899480; fax +390669885164; e-mail: assinaturas@ossrom.va

Para o Brasil: Impressão, Distribuição e Administração: Editora santuário, telavendas: 0800-160004, fax: 0055121042036, e-mail: ossrom@editoriasantuário.com.br

Publicidade Il Sole 24 Ore S.p.A. System Comunicazione Pubblicitaria, Via Monte Rosa, 91, 20149 Milano, segreteria@redirezionsystem@ilsol24.ore.com

No Chile o Papa Francisco recordou que o bem e a justiça devem ser conquistados no dia a dia

O futuro constrói-se com a escuta

Na manhã de 16 de janeiro, o Papa Francisco foi ao palácio de La Moneda, em Santiago, onde se encontrou com as autoridades, a sociedade civil e os membros do corpo diplomático. Depois da saudação que lhe foi dirigida pela presidente, Michelle Bachelet, o Pontífice pronunciou o discurso cuja tradução publicamos a seguir.

Senhora Presidente
Membros do Governo da República e do Corpo Diplomático
Representantes da sociedade civil
Distintas Autoridades
Senhoras e senhores!

Estou feliz por poder encontrar-me de novo em solo latino-americano e começar a visita a esta amada terra chilena, que me hospedou e formou na minha juventude; gostaria que os dias passados convosco fossem também um tempo de agradecimento por tanto bem recebido. Volta-me à mente esta estrofe, que ouvi há pouco, do vosso Hino Nacional: «Puro, ó Chile, é o teu céu azulado, / brisas puras te cruzam também, / e o teu campo de flores bordado / é a cópia feliz do Éden». É um verdadeiro canto de louvor à terra que habitais, cheia de promessas e desafios mas sobretudo grávida de futuro. De certo modo foi o que disse a Senhora Presidente.

Obrigado, Senhora Presidente, pelas palavras de boas-vindas que me dirigiu. Na sua pessoa, quero saudar e abraçar o povo chileno do extremo norte da região de Arica e Parinacota até ao arquipélago do sul, «dissolvendo-se em penínsulas e canais». A vossa diversidade e riqueza geográfica permitem-nos vis-

lumbrar a riqueza da polifonia cultural que vos caracteriza.

Agradeço a presença dos membros do Governo, dos Presidentes do Senado, da Câmara dos Deputados e do Supremo Tribunal, bem como das demais Autoridades do Estado e seus colaboradores. Saúdo o Presidente eleito aqui presente, Senhor Sebastián Piñera Echenique, que recebeu recentemente o mandato do



povo chileno para governar os destinos do país nos próximos quatro anos.

O Chile salientou-se, nos últimos decénios, pelo desenvolvimento de uma democracia que lhe consentiu um notável progresso. As recentes eleições políticas foram uma manifestação da solidez e maturidade cívica alcançada, e isto adquire um relevo particular neste ano em que se comemora o bicentenário da declaração de independência. Momento particularmente importante, pois marcou o vosso destino como povo, baseado na liberdade e no direito, que teve também de enfrentar vários períodos turbulentos, conseguindo todavia – não sem dor – superá-los. Desta forma, soubestes consolidar e robustecer o sonho dos vossos pais fundadores.

Neste sentido, recordo as palavras emblemáticas do Cardeal Silva Henríquez, quando afirmava num *Té Deum*: «Nós – todos – somos construtores da obra mais bela: a pátria. A pátria terrena que prefigura e prepara a pátria sem fronteiras. Esta pátria não começa hoje, connosco; mas não pode crescer nem frutificar sem nós. Por isso a recebemos com respeito, com gratidão, como uma tarefa iniciada há muitos anos, como uma herança que nos orgulha e simultaneamente nos compromete».²

Cada geração deve fazer suas as lutas e as conquistas das gerações anteriores e levá-las a metas ainda mais altas. É o caminho. O bem como, aliás, o amor, a justiça e a solidariedade não se alcançam de uma vez para sempre; hão de ser conquistados cada dia. Não é possível contentar-se com o que já se obteve no passado nem instalar-se a gozá-lo

como se esta situação nos levasse a ignorar que muitos dos nossos irmãos ainda sofrem situações de injustiça que nos interpelam a todos.

Na verdade, tendes pela frente um desafio grande e apaixonante: continuar a trabalhar para que a democracia, o sonho dos vossos pais, não se limite aos aspetos formais mas seja verdadeiramente um lugar de encontro para todos. Seja um lugar

ativamente do flagelo da droga que lhes rouba o melhor das suas vidas. Ouvir os idosos, com a sua sabedoria tão necessária e a carga da sua fragilidade. Não podemos abandoná-los. Ouvir as crianças, que assomam ao mundo com os seus olhos cheios de deslumbramento e inocência e esperam de nós respostas reais para um futuro de dignidade. E aqui não posso deixar de exprimir o pesar e a vergonha, vergonha que sinto perante o dano irreparável causado às crianças por ministros da Igreja. Desejo unir-me aos meus irmãos no episcopado, porque é justo pedir perdão e apoiar, com todas as forças, as vítimas, ao mesmo tempo que nos devemos empenhar para que isso não volte a repetir-se.

Com esta capacidade de escuta, somos convidados – hoje de forma especial – a prestar uma atenção preferencial à nossa casa comum. Ouvir a nossa casa comum: promover uma cultura que saiba cuidar da terra, não nos contentando com oferecer respostas pontuais aos graves problemas ecológicos e ambientais que se apresentam; requer-se aqui a ousadia de oferecer «um olhar diferente, um pensamento, uma política, um programa educativo, um estilo de vida e uma espiritualidade que oponham resistência ao avanço do paradigma tecnocrático»,⁴ que privilegia a irrupção do poder económico em prejuízo dos ecossistemas naturais e, consequentemente, do bem comum dos nossos povos. A sabedoria dos povos nativos pode oferecer um grande contributo. Deles, podemos aprender que não existe verdadeiro desenvolvimento num povo que volta as costas à terra com tudo e todos os que nela se movem. O Chile possui, nas suas raízes, uma sabedoria capaz de ajudar a transcender a conceção meramente consumista da existência para adquirir uma atitude sapiencial em relação ao futuro.

A alma do caráter chileno – a Presidente dizia dele que era um pouco desconfiado – a alma do caráter chileno é *vocação a ser*, essa *teimosa vontade de existir*.⁵ Vocação, para que todos são convocados e de que ninguém se pode sentir excluído ou dispensado. Vocação que requer uma opção radical pela vida, especialmente em todas as formas em que a mesma se vê ameaçada.

Agradeço mais uma vez o convite que me possibilitou vir encontrar-me convosco, com a alma deste povo; e rezo para que a Virgem do Carmo, Mãe e Rainha do Chile, continue a acompanhar e fazer crescer os sonhos desta abençoada nação. Muito obrigado!

¹ Gabriela Mistral, *Elogios de la tierra de Chile*.

² *Homilia no Té Deum ecuménico* (4 de novembro de 1970).

³ *Té Deum* (setembro de 1948).

⁴ Carta enc. *Laudato si'*, III.

⁵ Cf. Gabriela Mistral, *Breve descripción de Chile*, in: *Anales de la Universidad de Chile* (14), 1934.

O cardeal Parolin sobre a viagem

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 2

to, «fazer com que a Igreja – cada vez mais e melhor, eliminando também as sombras que podem impedir este compromisso e esta missão – se possa tornar deveras uma ajuda ao Papa para anunciar o Evangelho, para testemunhar o Evangelho, para evangelizar o mundo de hoje».

O Pontífice estará no Chile de 15 a 18 de janeiro e depois no Peru de quinta-feira, dia 18 até domingo 21: «O Papa – disse a propósito o purpurado – vai como pastor da Igreja universal para se encontrar com as Igrejas locais». Dois países aguardam Francisco, o qual, evidenciou o secretário de Estado, tem «no coração» os desafios aos quais eles estão chamados. Não é ocasional, concluiu, que ele tenha convocado também, em 2019, um sínodo sobre a Amazônia, e que volte a falar continuamente «com palavras muito incisivas» sobre temas candentes como a corrupção, principal obstáculo para «a superação da pobreza e da miséria».



Durante a missa no parque O'Higgins o Papa pediu para construir uma nova nação

Semear a paz

Na manhã de 16 de janeiro, Francisco celebrou a primeira missa da sua 22ª viagem internacional, diante de aproximadamente quatrocentos mil fiéis, no parque O'Higgins de Santiago. Depois de ter pronunciado a homilia, o Pontífice coroou a imagem da Bem-Aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo.

«Ao ver a multidão...» (Mt 5, 1): nestas primeiras palavras do Evangelho que acabamos de ouvir, encontramos a atitude com que Jesus quer vir ao nosso encontro, a mesma atitude com que Deus sempre surpreendeu o seu povo (cf. Êx 3, 7). A primeira atitude de Jesus é ver, fixar o rosto dos seus. Aqueles rostos põem em movimento o enraizado amor de Deus. Não foram ideias nem conceitos que moveram Jesus; foram os rostos, as pessoas. É a vida que clama pela Vida, que o Pai nos quer transmitir.

Ao ver a multidão, Jesus encontra o rosto das pessoas que O seguíam; e o mais interessante é que elas, por sua vez, encontram, no olhar de Jesus, o eco das suas buscas e aspirações. De tal encontro nasce este elenco de Bem-Aventuranças, o horizonte para o qual somos convidados e desafiados a caminhar. As Bem-Aventuranças não nascem de uma atitude passiva perante a realidade, nem podem nascer de um espectador que se limite a ser um triste autor de estatísticas do que acontece. Não nascem dos profetas de desgraças, que se contentam em semear decepções; nem de miragens que nos prometem a felicidade com um «clique», num abrir e fechar de olhos. Pelo contrário, as Bem-Aventuranças nascem do coração compassivo de Jesus, que se encontra com o coração compassivo e necessitado de compaixão de homens e mulheres que desejam e anseiam por uma vida feliz; de homens e mulheres que conhecem o sofrimento, que conhecem a frustração e a angústia geradas quando «o chão lhes treme debaixo dos pés» ou «os sonhos acabam submersos» e se arruína o trabalho de uma vida inteira; mas conhecem ainda mais a tenacidade e a luta para continuar para diante; conhecem ainda mais o reconstruir e o recomeçar.

Como é perito o coração chileno em reconstruções e novos inícios! Como vós sois peritos em levantar-vos depois de tantas derrotadas! A este coração faz apelo Je-

sus, para que este coração receba as Bem-Aventuranças!

As Bem-Aventuranças não nascem de atitudes de crítica fácil nem do «palavreado barato» daqueles que julgam saber tudo, mas não se querem comprometer com nada nem com ninguém, acabando assim por bloquear toda a possibilidade de gerar processos de transformação e reconstrução nas nossas comunidades, na nossa vida. As Bem-Aventuranças nascem do coração misericordioso, que não se cansa de esperar; antes, experimenta que a esperança «é o novo dia, a extirpação da imobilidade, a sacudida de uma prostração negativa» (Pablo Neruda, *El habitante y su esperanza*, 5).

Jesus, quando diz bem-aventurado o pobre, o que chorou, o aflito, o que sofre, o que perdoou..., vem extirpar a imobilidade paralisadora de quem pensa que as coisas não podem mudar, de quem deixou de crer no poder transformador de Deus Pai e nos seus irmãos, especialmente nos seus irmãos mais frágeis, nos seus irmãos descartados. Jesus, quando proclama as Bem-Aventuranças, vem sacudir aquela prostração negativa chamada resignação que nos faz crer que se pode viver melhor, se evitarmos os problemas, se fugirmos dos outros, se nos escondermos ou fecharmos nas nossas comodidades, se nos adormocarmos num consumismo tranquilizador (cf. Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 2). Aquela resignação que leva a isolar-nos de todos, a dividir-nos, a separar-nos, a fazer-nos cegos perante a vida e o sofrimento dos outros.

As Bem-Aventuranças são aquele novo dia para quantos continuam a apostar no futuro, continuam a sonhar, continuam a deixar-se tocar e impelir pelo Espírito de Deus.

Como nos faz bem pensar que Jesus, desde Cerro Renca ou de Puntilla, nos vem dizer: «Bem-aventurados...». Sim, bem-aventurado tu... e tu..., cada um de nós. Bem-aventurados vós que vos deixais contagiar pelo Espírito de Deus, lutando e trabalhando por este novo dia, por este novo Chile, porque vosso será o reino do Céu. «Bem-aventurados os obreiros de paz, porque serão chamados filhos de Deus» (Mt 5, 9).

E perante a resignação que, como uma rude zoada, mina os nossos laços vitais e nos divide, Jesus diz-nos: bem-aventurados aqueles

que se comprometem em prol da reconciliação. Felizes aqueles que são capazes de sujar as mãos e trabalhar para que outros vivam em paz. Felizes aqueles que se esforçam por não semear divisão. Desta forma, a Bem-Aventurança faz-nos artífices de paz; convida a empenhar-nos para que o espírito da reconciliação ganhe espaço entre nós. Queres ser ditoso? Queres felicidade? Felizes aqueles que trabalham para que outros possam ter uma vida ditosa. Queres paz? Trabalha pela paz.

Não posso deixar de evocar aquele grande Pastor que teve Santiago e que disse num *Te Deum*: «Se queres a paz, trabalha pela justiça» [...]. E se alguém nos perguntar: «Que é a justiça?» ou se porventura consiste apenas em «não roubar», dir-lhe-emos que existe outra justiça: a que exige que todo o homem seja tratado como homem» (Cardeal Raúl Silva Henríquez, *Homilia no Te Deum ecuménico*, 18 de setembro de 1977).

Semear a paz à força de proximidade, de vizinhança; à força de sair de casa e observar os rostos, de ir ao encontro de quem está em dificuldade, de quem não foi tratado como pessoa, como um digno filho desta terra. Esta é a única maneira que temos para tecer um futuro de paz, para tecer de novo uma realidade sempre passível de se desfazer. O obreiro de paz sabe que muitas vezes é necessário superar mesquinhez e ambições, grandes ou subitas, que nascem da pretensão de crescer e «tornar-se famosos», de ganhar prestígio à custa dos outros. O obreiro de paz sabe que não basta dizer «não faço mal a ninguém», pois, como dizia Santo Alberto Hurtado: «Está muito bem não fazer o mal, mas está muito mal não fazer o bem» (*Meditación radial*, abril de 1944).

Construir a paz é um processo que nos congrega, estimulando a nossa criatividade para criar relações capazes de ver no meu vizinho, não um estranho ou um desconhecido, mas um filho desta terra.

Confiemo-nos à Virgem Imaculada que, do Cerro San Cristóbal, guarda e acompanha esta cidade. Que Ela nos ajude a viver e a desejar o espírito das Bem-Aventuranças, para que, em todos os cantos desta cidade, se ouça como um sussurro: «Bem-aventurados os obreiros de paz, porque serão chamados filhos de Deus» (Mt 5, 9).

Regresso ao Chile

GIOVANNI MARIA VIAN

É um regresso à América, o sexto em cinco anos de pontificado, a viagem papal ao Chile e ao Peru. Um regresso a Santiago, país onde o jovem Bergoglio completou uma parte da sua formação, como quis recordar com gratidão, citando os versos da poetisa nacional Gabriela Mistral, na saudação às autoridades no palácio presidencial de La Moneda, proferindo um discurso no qual abordou sem hesitações as dificuldades deste itinerário no bicentenário da independência chilena. Em primeiro lugar, elogiando o método democrático, demonstrado com o exercício do voto durante as eleições políticas que, há um mês, confirmaram a alternância na presidência após os anos da ditadura militar, distantes mas sem dúvida não esquecidos. Democracia necessária, mas não suficiente, se não for substanciada com a vontade comum e quotidiana de contribuir para o bem do país. «Somos construtores da obra mais bela: a pátria» disse, de facto, o Papa citando as palavras do cardeal Raúl Silva Henríquez, o arcebispo que soube enfrentar o período mais obscuro da recente história chilena e que, alguns anos antes do golpe de Estado, sublinhava como esta construção devia ser precisamente compromisso de todos.

Palavras que o Pontífice justapôs àquelas de outra figura querida por ele e canonizada pelo seu predecessor, o jesuíta Alberto Hurtado, o qual concebia a nação como «uma missão a ser cumprida». Sobretudo através da escuta, num país caracterizado pela pluralidade: portanto, é necessário ouvir os desempregados, os povos autóctones – «frequentemente esquecidos» e cujos direitos e cultura devem ser, ao contrário, promovidos – os migrantes, os jovens, que devem ser protegidos contra a «chaga da droga», os idosos e as crianças, enumerou Francisco.

A este propósito, num contexto católico marcado pelo fenómeno gravíssimo dos abusos, o Papa manifestou dor e vergonha «diante do dano irreparável causado a crianças por parte de ministros da Igreja». Por esta razão, juntamente com o episcopado chileno, o Pontífice afirmou que «é justo pedir perdão e apoiar com todas as forças as vítimas» e comprometer-se a fim de que este escândalo, que prejudicou fortemente a credibilidade do clero, não volte a repetir-se.

Igualmente fortes tinham sido dois gestos de Bergoglio pouco depois da chegada a Santiago e durante o voo que o levou ao Chile. Com efeito, como primeiro gesto da sua visita o Papa quis parar na periferia da capital a fim de rezar junto do túmulo de uma figura emblemática e muito venerada do catolicismo chileno, Enrique Alvear, conhecido como «o bispo dos pobres» e que, além disso, foi auxiliar do cardeal Silva Henríquez.

E aos jornalistas que o acompanharam nesta viagem, Bergoglio entregou uma imagem que mandou imprimir para mostrar, com mais eficácia do que as palavras, os frutos da guerra: a foto dilacerante, tirada por um jovem fotógrafo norte-americano logo após o bombardeamento nuclear de Nagasaki, de um menino carregando às costas o irmãozinho morto e que, mordendo os lábios até sangrar para deter as lágrimas, esperava a sua vez a fim de que o pequeno corpo fosse cremado.

Uma pena sem futuro é uma tortura

Na penitenciária feminina de Santiago

A tarde de 16 de janeiro começou para o Papa Francisco com a visita à penitenciária feminina de Santiago. O Pontífice foi saudado pela religiosa encarregada da pastoral carcerária e por uma representante das mais de seiscentas presas. Eis o discurso proferido pelo Santo Padre no ginásio dessa estrutura de reclusão.

Queridas irmãs e irmãos!

Obrigado! Obrigado pelo que fizestes para me dar a oportunidade de visitar-vos; para mim, é importante partilhar este tempo convosco e poder estar mais perto de tantos irmãos nossos que hoje estão privados da liberdade. Obrigado, Ir. Nelly, pelas suas palavras, especialmente por testemunhar que a vida triunfa sempre sobre a morte. Sempre. Obrigado, Janeth, por teres tido a coragem de partilhar com todos nós as tuas aflições e aquele corajoso pedido de perdão. Quanto temos de aprender desta tua atitude cheia de coragem e humildade! São palavras tuas: «Pedimos perdão a todos aqueles que ferimos com os nossos delitos». Obrigado por nos lembrares esta atitude, sem a qual nós nos desumanizamos. Todos nós devemos pedir perdão, a começar por mim. Todos. Isto humaniza-nos: sem esta atitude de pedir perdão, perdemos a consciência de ter errado e de que somos chamados, de uma maneira ou doutra, a recomeçar cada dia.

Neste momento, o coração faz-me recordar também a frase de Jesus: «Quem de vós estiver sem pecado,

atire-lhe a primeira pedra» (Jo 8, 7). [O Papa apercebe-se que algumas reclusas citam a frase juntamente com ele]. Vejo que a conheceis bem! E muitas vezes nas homilias, ao falar que todos temos dentro qualquer coisa menos boa – ou por fraqueza, ou porque caímos – e a temos bem escondida, sabeis o que digo? Digo às pessoas: «Todos somos pecadores, todos temos pecados. Não sei: aqui há alguém que não tenha pecados? Levante a mão...». Ninguém tem a coragem de levantar a mão! Jesus convida-nos a deixar a lógica simplista de dividir a realidade em bons e maus, para entrar numa outra dinâmica capaz de assumir a fragilidade, os limites e também o pecado, para nos ajudar a seguir em frente.

Quando entrei, estavam à minha espera duas mães com os seus filhos.



Assim me deram as boas-vindas, que bem se podem expressar em duas palavras: mãe e filhos.

Mãe: muitas de vós sois mães e sabeis o que significa gerar a vida. Soubestes «trazer» no vosso seio uma vida, e a destes à luz. A maternidade não é, e nunca será, um problema; é um presente, um dos presentes mais maravilhosos que podeis ter. Hoje encontras-vos perante um desafio muito parecido: trata-se ainda de gerar vida. Hoje é-vos pedido que deis à luz o futuro; que o façais crescer, que o ajudeis a desenvolver-se. Não só para vós, mas também para os vossos filhos e para toda a sociedade. Vós, mulheres, tendes uma capacidade incrível de vos adaptardes às situações e seguir em frente. Hoje gostaria de fazer apelo à capacidade de gerar futuro. Capa-

cidade de gerar futuro, que vive em cada uma de vós. Essa capacidade que vos permite lutar contra a multidão de determinismos «coisificantes» isto é, que transformam as pessoas em coisas, que acabam por matar a esperança. Nenhum de nós é uma coisa: todos somos pessoas e, como pessoas, temos esta dimensão da esperança. Não nos deixemos «coisificar». Não sou um número, não sou o recluso número tal; sou Tício ou Caio que trago dentro de mim a esperança e quero dar à luz a esperança.

Estar privadas da liberdade, como justamente nos dizia Janeth, não é sinónimo de perda de sonhos e esperanças. É verdade, custa muito, é doloroso, mas não significa perder a esperança. Não significa deixar de sonhar. Ser privadas de liberdade não é o mesmo que ser privadas de dignidade, não! Não é a mesma coisa. A dignidade não se toca, em ninguém. Zela-se, defende-se, nutre-se. Ninguém pode ser privado da dignidade. Vós estais privadas sim, mas da liberdade. Por isso, é necessário lutar contra todo o tipo de clichés, de rótulos que dizem que não se pode mudar, ou que não vale a pena, ou que o resultado é sempre o mesmo. Como diz o tango argentino: «Não faças caso, continua assim, que tudo é igual, que lá no inferno nos reencontraremos...». Não, não é tudo igual. Não, queridas irmãs! Não é verdade que o resultado é sempre o mesmo. Todo o esforço que se fizer lutando por um amanhã melhor – embora muitas vezes pareça que cai em saco roto – sempre dará fruto e será recompensado.

A segunda palavra é filhos: estes são força, são esperança, são estímulo. São a memória viva de que a vida se constrói olhando para a frente e não para trás. Hoje estais privadas da liberdade, mas isto não significa que esta situação seja definitiva. De maneira nenhuma. Levantai sempre o olhar para o horizonte, para a frente, para a reinserção na vida normal da sociedade. Uma pena sem futuro, uma condenação sem futuro não é uma condenação humana: é uma tortura. Qualquer pena, que uma pessoa esteja a descontar pagando uma dívida à sociedade, deve ter um horizonte, o horizonte de me inserir de novo e, por conseguinte, de me preparar para a reinserção. Isto, exige-o, de vós mesmas e da sociedade. Levantai sempre o olhar para o horizonte, olhai sempre para a frente, para a reinserção na vida normal da sociedade. Por isso, louvo e convido a intensificar todos os esforços possíveis para que projetos como «Espacio Mandelstam» e «Fundación Mujer levantate» possam crescer e reforçar-se.

O nome desta Fundação faz-me recordar aquela passagem do Evangelho onde muitos zombavam de Jesus por dizer que a filha do chefe da sinagoga não estava morta, mas dormia. Zombavam d'Ele por isso. Face à zombaria, é paradigmática a atitude de Jesus: entrando onde estava a filha, tomou-a pela mão e disse-lhe:

Junto do túmulo do bispo dos pobres

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 2

creveu «... o fruto da guerra». E explicou aos jornalistas: «Encontrei-a por acaso. Foi tirada em 1945, os dados estão no reverso. É um menino, com o irmãozinho morto às costas, enquanto espera a sua vez diante do crematório, em Nagasaki, depois da bomba. Comovi-me quando a vi e usei escrever apenas: «O fruto da guerra». E pensei em imprimi-la e distribuí-la, porque uma imagem do género comove mais do que mil palavras. Por isso desejei partilhá-la convosco».

Ao aterrar em Santiago, o Pontífice foi saudado a bordo pelo núncio apostólico, arcebispo Ivo Scapolo e pelo chefe do Protocolo. Descendo pela escada anterior, Francisco foi recebido pela presidente da República Michelle Bachelet, pelo cardeal Ricardo Ezzatti Andrello, arcebispo de Santiago, e pelo bispo Santiago Silva Retamales, presidente da Conferência episcopal do Chile. A cerimónia de boas-vindas foi realizada com sobriedade no aeroporto, durante um sugestivo pôr-de-sol tendo como pano de fundo a cordilheira dos Andes, sem discursos oficiais, com a apresentação das delegações, abrihantada pela música das crianças do coro. Algumas delas aproximaram-se para abraçar o Papa.

No final Francisco entrou no carro que o levaria do aeroporto ao arcebispado, onde fica hospedado. Durante o percurso foi à paróquia de San Luís Beltrán na periferia de Santiago, onde está o túmulo de padre Enrique Alvear Urrutia, o «bispo dos pobres», pastor e profeta da Igreja no Chile. Promotor de uma teologia solidamente tomista e eminentemente pastoral, concentrada na ação e na caridade para com o homem ao serviço da evangelização, Alvear Urrutia foi um dos pensadores mais originais, criativos e fecundos da Igreja na América Latina que, com os anos, amadureceu a consciência de ser sinal de contradição e, ao mesmo tempo, de confronto com o mundo moderno. A sua preocupação missionária e o seu amor pelos pobres levaram-no a criar diversas pequenas comunidades cristãs na periferia da grande cidade a partir dos anos cinquenta.

O Papa recolheu-se em oração diante do seu túmulo e dedicou a sua recordação particular àquela Igreja que sabe dar sentido ao amor de Jesus no meio dos homens e oferece o seu testemunho. Estavam à espera do Papa alguns paroquianos de Pudahuel, bairro periférico de Santiago. Desde as ruas do trajeto que o levaram à nunciatura, Francisco saudou muitas famílias e

pôde ver as evidentes diferenças entre as pessoas, num lugar onde, com frequência, a pobreza está atrás da esquina. De facto, no «país subtil», como o definiu o poeta Pablo Neruda, é suficiente deslocar-se um pouco para passar da beleza e da modernidade dos bairros abastados, para o cinzento uniforme das favelas dos mais débeis onde o intercalar-se da geografia da riqueza e a geografia da pobreza se interrompe de vez em quando pelos grandes murais com níveis de expressão artística notáveis. A arquitetura torna-se espelho de uma das capitais com o mais alto índice de desigualdade no mundo onde, segundo estimativas recentes do Banco mundial, 10 por cento mais rico da população tem um rendimento 27 vezes superior ao 10 por cento mais pobre.

Santiago, com pouco mais de sete milhões de habitantes, é a capital e o centro urbano mais importante do Chile. É uma cidade multicultural e cosmopolita que está a viver uma fase de grandes transformações sociais e urbanísticas, projetada para um futuro que, embora não garantido, é olhado com otimismo. Os rostos alegres das pessoas pelas ruas de Santiago acompanharam o papamóvel até à entrada da nunciatura, nesta primeira experiência de vida chilena.

CONTINUA NA PÁGINA 8

No discurso a sacerdotes e consagrados o Papa voltou a falar sobre o mal dos abusos

Ter a coragem de pedir perdão

As vítimas e as suas famílias viram atraída a confiança posta nos ministros da Igreja

Na tarde de 16 de janeiro, depois de ter concluído a visita à penitenciária feminina de Santiago, o Pontífice foi à catedral de Nossa Senhora da Assunção, onde teve lugar o encontro com os sacerdotes, as consagradas, os consagrados, os seminaristas e os diáconos permanentes. Durante a liturgia da palavra, após a cantada que lhe foi dirigida pelo cardeal arcebispo Ezzati Andrello, o Papa proferiu o discurso que publicamos a seguir.



Queridos irmãos e irmãs, boa tarde! Estou feliz por participar neste encontro convosco. Gostei do modo como o Cardeal Ezzati vos apresentou: «Aqui estão... aqui estão as consagradas, os consagrados, os presbíteros, os diáconos permanentes, os seminaristas...». Aqui estão. Fez-me recordar o dia da nossa Ordenação ou Consagração em que, depois da apresentação, dissemos: «Aqui estou, Senhor, para fazer a vossa vontade». Neste encontro, queremos dizer ao Senhor: «Aqui estamos» para renovar o nosso «sim». Queremos renovar, juntos, a resposta à vocação que um dia alvorçou o nosso coração.

E, para isso, creio que nos pode ajudar a passagem do Evangelho que escutam, compartilhando três momentos de Pedro e da primeira comunidade: Pedro e a comunidade abatidos, Pedro e a comunidade tratados com misericórdia e Pedro e a comunidade transfigurados. Jogo com o binómio Pedro-comunidade, porque a experiência dos apóstolos tem sempre estes três aspectos: pessoal e comunitário. Andam de mãos dadas, e não os podemos separar. É verdade que somos chamados individualmente, mas sempre para ser parte de um grupo maior. Não existe a «selfie vocacional», não existe. A vocação exige que a foto te seja tirada por outrem; que lhe havemos de fazer? As coisas estão assim.

Pedro abatido a comunidade abatida

Sempre gostei do estilo dos Evangelhos que não adornam, não mitigam os

acontecimentos, nem os pintam fazendo-os mais belos. Apresentam-nos a vida como é e não como deveria ser. O Evangelho não tem medo de nos mostrar os momentos difíceis, e até conflituosos, por que passaram os discípulos.

Reconstituamos a situação. Tinham morto Jesus; algumas mulheres diziam que estava vivo (cf. *Lc* 24, 22-24). Os discípulos, mesmo tendo visto Jesus

a pior de todas as tentações – ficar a ruminar a desolação».¹ Sim, ficar a ruminar a desolação. Isto é o que sucede aos discípulos.

Como nos dizia o cardeal Ezzati, «a vida sacerdotal e consagrada, no Chile, atravessou e atravessa horas difíceis de turbulência e desafios sérios. Juntamente com a fidelidade da imensa maioria, cresceu também a cizânia do mal com a pior de todas as tentações – ficar a ruminar a desolação».¹ Sim, ficar a ruminar a desolação. Isto é o que sucede aos discípulos.

Gostemos ou não, estamos convidados a enfrentar a realidade como ela se nos apresenta: a realidade pessoal, comunitária e social. As redes – dizem os discípulos – estão vazias, e podemos compreender os sentimentos que isso gera. Regressam a casa sem grandes aventuras para contar; regressam a casa de mãos vazias; regressam a casa, abatidos.

Que resta daqueles discípulos fortes, corajosos, vivazes, que se sentiam escolhidos tendo deixado tudo para seguir Jesus (cf. *Mt* 1, 16-20)? Que resta daqueles discípulos seguros de si, prontos à ir para a prisão e até dariam a vida pelo seu Mestre (cf. *Lc* 22, 33), que, para O defender, queriam mandar vir fogo sobre a terra (cf. *Lc* 9, 54); que, por Ele, desembainhariam a espada e combatariam (cf. *Lc* 22, 49-51)? Que resta do Pedro que reprimia o seu Mestre dizendo-lhe como é que deveria orientar a sua vida (cf. *Mc* 8, 31-33), o seu programa de redenção? A desolação.

Como das consequências de escândalo e deserção».

Momento de turbulência. Sei da dor causada pelos casos de abuso contra menores e sigo com atenção aquilo que está a fazer para superar este grave e doloroso malefício. Dor pelo dano e sofrimento das vítimas e suas famílias, que viram traida a confiança que depunham nos ministros da Igreja. Dor pelo sofrimento das comunidades eclesiais, e dor também por vós, irmãos, que, além do desgaste pela entrega, experimentastes o dano que provoca a suspeita e a contestação, que pode ter insinuado – em alguns ou muitos – a dúvida, o medo e a difidências. Sei que, às vezes, soufrestes insultos no metropolitano ou caminhando pela rua; que, em muitos lugares, se está a «pagar caro» andar vestido de padre. Por isso, convido-vos a pedir a Deus que nos dê a lucidez de chamar a realidade pelo seu nome, a coragem de pedir perdão e a capacidade de aprender a escutar o que Ele nos está a dizer, e não ruminar a desolação.

Gostaria de acrescentar ainda outro aspecto importante. As nossas sociedades estão a mudar. O Chile de hoje é muito diferente do que conheci no tempo da minha juventude, quando me estava a formar. Estão a nascer novas e variadas formas culturais, que não se enquadram nos contornos habituais. E temos de reconhecer que, muitas vezes, não sabemos como nos inserir nestas novas situações. Frequentemente sonhamos com as «cebalas do Egipto» e escurificamos-nos de que a terra prometida está à frente, e não atrás. Como a promessa é de ontem, mas diz respeito ao amanhã. E então podemos cair na ten-

tação de nos fechamos e isolarmos para defender as nossas posições que acabam por ser apenas bons monólogos. Podemos ser tentados a pensar que tudo está mal e, em vez de professar uma «boa nova», tudo o que profecemos é apatia e decepção. Assim, fechamos os olhos perante os desafios pastorais, pensando que o Espírito não tenha nada a dizer. Deste modo esquecemo-nos de que o Evangelho é um caminho de conversão, mas não só «dos outros», também nossa.

Como das consequências de escândalo e deserção».

Como das consequências de escândalo e deserção».

Como das consequências de escândalo e deserção».

Pedro perdoado a comunidade perdoada

É a hora da verdade, na vida da primeira comunidade. É a hora em que Pedro se confrontou com parte de si mesmo: a parte da sua verdade que muitas vezes não queria ver. Experimentou a sua limitação, a sua fragilidade, o seu ser pecador. Pedro, o instintivo, o chefe impulsivo e salvador, com uma boa dose de autossuficiência e um excesso de confiança em si mesmo e nas suas possibilidades, teve que se curvar à sua fraqueza e pecado. Era tão pecador como os outros, era tão carente como os outros, era tão frágil como os outros. Pedro decepcionou Aquêle a quem jurara proteção. Hora crucial na vida de Pedro.

Como discípulos, como Igreja, pode acontecer-nos o mesmo: há momentos em que somos confrontados, não com as nossas glórias, mas com a nossa fraqueza. Horas cruciais na vida dos discípulos, mas é também nessas horas que nasce o apóstolo. Deixemos o texto levar-nos pela mão.

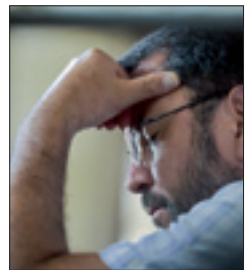
«Depois de terem comido, Jesus perguntou a Simão Pedro: «Simão, filho de João, tu amas-Me mais do que estes?» (Jo 21, 15).

«Depois de terem comido, Jesus convidou Pedro a passear um pouco e a única palavra é uma pergunta, uma pergunta de amor: Amas-Me? Jesus não censura nem condena. Tudo o que Ele quer fazer é salvar Pedro. Quer salvá-lo do pe-

rido de ficar fechado no seu pecado, de ficar «a mastigar» a desolação, fruto da sua limitação; salvá-lo do perigo de desistir, por causa das suas limitações, de todas as coisas boas que vivera com Jesus. Quer salvá-lo do fechamento e do isolamento. Quer salvá-lo daquela atitude destrutiva que é o vitimizá-lo, ao contrário, cair num «vale tudo» mesmo», acabando por fazer malogar qualquer compromisso no mais danoso relativismo. Quer libertá-lo de considerar quem se opõe a Ele como se fosse um inimigo, ou de não aceitar com serenidade as contradições e as críticas. Quer libertá-lo da tristeza e sobretudo do mau humor. Com esta pergunta, Jesus convida Pedro a auscultar o seu coração e aprender a discernir. Uma vez que «não era de Deus defender a verdade à custa da caridade, nem a caridade à custa da verdade, nem o equilíbrio à custa de ambas. É preciso discernir. Jesus quer evitar que Pedro se torne um veraz destruidor ou um caritativo mentiroso ou um perplexo paralisado»,² como pode acontecer connosco em tais situações.

Jesus interpelou Pedro sobre o seu amor e insistiu nisso até ele lhe poder dar uma resposta realista: «Senhor, Tu sabes tudo; Tu bem sabes que eu sou deveras teu amigo» (Jo 21, 17). E, deste modo, Jesus confirma-o na missão. Assim o faz tornar-se definitivamente seu apóstolo.

O que é que fortalece Pedro como apóstolo? O que é que nos mantém a nós como apóstolos? Uma coisa só: fomos tratados com misericórdia (cf. 1 Tim 1, 12-16). Fomos tratados com misericórdia. «Não obstante os nossos pecados, os nossos limites, as nossas faltas;



não obstante as nossas numerosas quedas, Jesus Cristo viu-nos, aproximouse, deu-nos a mão e teve misericórdia de nós. (...) Cada um de nós poderá recordar, pensando em todas as vezes que o Senhor o viu, que olhou para ele, que se aproximou dele e o tratou com misericórdia».³ E convido-vos a fazer o mesmo. Não estamos aqui por ser melhores do que os outros. Não somos super-heróis que, do alto, descem para se encontrar com os «mortais». Antes, somos enviados com a consciência de ser homens e mulheres perdoados. E esta é a fonte da nossa alegria. Somos

consagrados, pastores segundo o estilo de Jesus ferido, morto e ressuscitado. A pessoa consagrada – e, quando digo «consagrados», penso em quantos aqui estão – é alguém que encontra, nas suas feridas, os sinais da Ressurreição. É alguém que consegue ver, nas feridas do mundo, a força da Ressurreição. É alguém que, segundo o estilo de Jesus, não vai ao encontro dos seus irmãos com a censura e a condenação.

Jesus Cristo não se apresenta, aos seus, sem chagas; foi precisamente a partir das suas chagas que Tomé pôde confessar a fé. Estamos convidados a não dissimular nem esconder as nossas chagas. Uma Igreja com as chagas é capaz de compreender as chagas do mundo atual e de assumi-las, sofrê-las, acompanhá-las e procurar saná-las. Uma Igreja com as chagas não se coloca ao centro, não se considera perfeita, mas coloca no centro o único que pode sanar as feridas e que tem um nome: Jesus Cristo.

A consciência de ter chagas, liberta-nos. É verdade; liberta-nos de nos tornarmos autorreferenciais, de nos considerarmos superiores. Libertar-nos da tentação «prometeia de quem, no fundo, só confia nas suas próprias forças e se sente superior aos outros por cumprir determinadas normas ou por ser irredutivelmente fiel a um certo estilo católico próprio do passado».⁴

Em Jesus, as nossas chagas ficam resuscitadas. Tornam-nos solidários; ajudam-nos a derrubar os muros que nos encerram numa atitude elitista, incitándonos a construir pontes e ir ao encontro de tantos sedentos do mesmo amor misericordioso que só Cristo nos pode dar. «Quantas vezes sonhamos planas apóstólicas expansionistas, meticolosas e bem traçadas, típicas de generais derrotados! Assim negamos a nossa história de Igreja, que é gloriosa por ser história de sacrifícios, de esperança, de luta diária, de vida gasta no serviço, de constância no trabalho fadioso, porque todo o trabalho é «suor do nosso rosto».⁵ Vejo, com certa preocupação, que há comunidades que vivem acometidas pela ânsia de constar no cartaz, ocupar espaços, aparecer e se mostrar, mais do que pela vontade de arregaçar as mangas e sair para tocar a dolorosa realidade do nosso povo fiel.

Como nos interpela a reflexão deste Santo milenar, que advertia: «Por isso, serão métodos falsos todos os que são impostos pela uniformidade; todos os que pretendem encaminhar-nos para Deus, fazendo-nos esquecer os nossos irmãos; todos os que nos levam a fechar os olhos ao universo, em vez de nos ensinar a abri-los para elevar tudo ao Criador de todas as coisas; todos os que nos fazem egoístas e nos dobram sobre nós mesmos».⁶

O povo de Deus não espera nem precisa de nós como super-heróis, espera pastores, homens e mulheres consagrados, que conheçam a compaixão, que saibam estender uma mão, que saibam parar junto de quem está caído e, como Jesus, ajudem a sair desse círculo vicioso de «mastigar» a desolação que envenena a alma.

Pedro transfigurado a comunidade transfigurada

Jesus convida Pedro a discernir e, assim, começa a ganhar força muitos acontecimentos da vida de Pedro, como o gesto profético do lava-pés. Pedro, que resistira a deixar-se lavar os pés, começava a compreender que a verdadeira grandeza passa por se fazer pequeno e servidor?

Como é grande a pedagogia de nosso Senhor! Do gesto profético de Jesus à Igreja profética que, lavada do seu pecado, não tem medo de sair para servir uma humanidade ferida.

Pedro experimentou, na sua carne, a ferida não só do pecado, mas também das suas próprias limitações e fraquezas. Mas descobriu em Jesus que as suas feridas podem ser caminho de Ressurreição. Conhecer Pedro abatido para conhecer Pedro transfigurado é o convite a deixar de ser uma Igreja de abatidos desolados para passar a uma Igreja servidora de tantos abatidos que convivem ao nosso lado. Uma Igreja capaz de se colocar ao serviço do seu Senhor no faminto, no preso, no sedento, no desalorado, no nu, no doente... (cf. *Mt* 25, 32). Um serviço que não se identifica com o assistencialismo nem o paternalismo, mas com a conversão do coração. O problema não está em dar de comer ao pobre, vestir o nu, assistir o doente, mas em considerar que o pobre, o nu, o doente, o preso, o desalorado têm a dignidade de se sentar às nossas mesas, sentir-se «em casa» entre nós, sentir-se família. Este é o sinal de que o Reino de Deus está no meio de nós. É o sinal de uma Igreja que foi ferida pelo seu pecado, foi cumalada de misericórdia pelo seu Senhor, e foi tornada profética por vocação.

Renovar a profecia é renovar o nosso compromisso de não esperar por um mundo ideal, uma comunidade ideal, um discípulo ideal para viver ou para evangelizar, mas criar as condições para que cada pessoa abatida possa encontrar-se com Jesus. Não se amam as situações nem as comunidades ideais, amam-se as pessoas.

O reconhecimento sincero, contrito e orante das nossas limitações, longe de nos separar de nosso Senhor, permitem-nos retornar a Jesus, sabendo que, «com a sua novidade, Ele pode sempre renovar a nossa vida e a nossa comunidade, e a proposta cristã, ainda que através períodos obscuros e fraquezas eclesiais, nunca envelhece. (...) Sempre que procuramos voltar à fonte e recuperar o frescor original do Evangelho, despendam novas estradas, métodos criativos, outras formas de expressão, sinais mais eloquentes, palavras cheias de renovado significado para o mundo



atuais».⁸ Como nos faz bem a todos deixar que Jesus nos renove o coração! Ao início deste encontro, disse-vos que vinhamos renovar o nosso «sim», com garra, com paixão. Queremos renovar o nosso «sim», mas um sim realista, porque apoiado no olhar de Jesus. Convido-vos, quando voltardes para casa, a preparar no vosso coração uma espécie de testemunho espiritual, no estilo do cardeal Raúl Silva Henríquez expresso nesta linda oração que começa dizendo:

«A Igreja que eu amo é a Santa Igreja de todos os dias... a tua, a minha, a Santa Igreja de todos os dias...»⁹

«Jesus, o Evangelho, o pão, a Eucaristia, o Corpo de Cristo humilde em cada dia. Com os rostos dos pobres e os rostos de homens e mulheres que cantavam, que lutavam, que sofriam. A Santa Igreja de todos os dias».

Pergunto-te: como é a Igreja que tu amas? Amas esta Igreja ferida, que encontra vida nas chagas de Jesus? Obrigado por este encontro. Obrigado pela oportunidade de renovar o «sim» convosco. A Virgem do Carmo vos cubra com o seu manto.

Por favor, não vos esqueçais de rezar por mim. Obrigado!

¹ Jorge M. Berroglío, *Las cartas de la tribulación* (Ed. Diego de Torres – Buenos Aires 1987), 9.

² *Ibidem*.

³ Mensagem vídeo ao Celam, por ocasião do Jubileu extraordinário da Misericórdia no Continente Americano (27 de agosto de 2016).

⁴ Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 94.

⁵ *Ibidem*, 66.

⁶ Santo Alberto Hurtado, *Discurso aos jovens da Ação Católica* (1943).

⁷ «Se alguém quiser ser o primeiro, há de ser o último de todos e o servo de todos» (Mc 9, 35).

⁸ Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 11.

Francisco admoestou os bispos contra a tentação do clericalismo

Os leigos não são servos

Na sacristia da catedral de Santiago, o Papa encontrou-se, no final da tarde de 16 de janeiro, com os cinquenta prelados do país. Depois da saudação que lhe foi dirigida pelo presidente da Conferência episcopal, D. Silva Retamales, o Pontífice proferiu o discurso que aqui publicamos.

Queridos irmãos!

Agradeço as palavras que o presidente da Conferência Episcopal me dirigiu em nome de todos vós.

Em primeiro lugar, quero saudar D. Bernardino Piñera Carvallo, que celebra este ano o seu sexagésimo aniversário de episcopado (é o Bispo mais idoso do mundo, tanto em idade como em anos de episcopado) e viveu quatro sessões do Concílio Vaticano II. Maravilhosa memória vivente! Em breve, completar-se-á um ano da vossa visita *ad limina*; agora

toquei a mim vir visitar-vos e fico feliz por este encontro acontecer depois de ter estado com o «mundo consagrado»; pois uma de nossas tarefas principais consiste precisamente em estar perto das nossas pessoas consagradas, dos nossos sacerdotes. Se o pastor se dispersa, também as ovelhas se dispersarão e ficarão à mercê de qualquer lobo. Irmãos, a paternidade do bispo com os seus sacerdotes, com o seu presbitério! Uma paternidade que não é paternalismo nem abuso de autoridade. Eis um dom que deveis pedir: estar perto dos vossos padres, com o estilo de São José. Uma paternidade que ajuda a crescer e a desenvolver os carismas que o Espírito quis derramar nos vossos respetivos presbitérios.

Sei que concordamos em demorar pouco tempo, porque, nos nossos

colóquios das duas longas sessões da visita *ad limina*, já tocamos muitos temas. Por isso, nesta «saudação», gostaria de retomar qualquer ponto do encontro que tivemos em Roma e poder-se-ia resumir na frase seguinte: a consciência de ser povo, de ser povo de Deus.

Um dos problemas, que enfrentam atualmente as nossas sociedades, é o sentimento de orfandade, ou seja, sentir que não pertencem a ninguém. Este sentir «pós-moderno» pode penetrar em nós e no nosso

clero; então começamos a pensar que não pertencemos a ninguém, esquecemo-nos que somos parte do santo povo fiel de Deus e que a



Igreja não é, e nunca será, uma elite de pessoas consagradas, sacerdotes ou bispos. Não podemos sustentar a nossa vida, a nossa vocação ou ministério, sem esta consciência de ser povo. Esquecermo-nos disto – como afirmei à Comissão para a América Latina – «comporta vários riscos e deformações na nossa experiência, quer pessoal quer comunitária, do ministério que a Igreja nos confiou».¹ A falta de consciência de pertencer ao povo fiel de Deus como servidores, e não como patrões, pode-nos levar a uma das tentações que mais dano causa ao dinamismo missionário, que somos chamados a promover: o clericalismo, que é uma caricatura da vocação recebida.

A falta de consciência do facto que a missão é de toda a Igreja, e não do padre ou do bispo, limita o horizonte e – o que é pior – coarta todas as iniciativas que o Espírito pode suscitar no meio de nós. Digamo-lo claramente: os leigos não são os nossos servos, nem os nossos empregados. Não precisam de repetir, como «papagaios», o que dizemos. «O clericalismo longe de dar impulso às diferentes contribuições e propostas, apaga pouco a pouco o fogo profético do qual a Igreja inteira está chamada a dar testemunho no coração dos seus povos. O clericalismo esquece que a visibilidade e a sacramentalidade da Igreja pertencem a todo o povo fiel de Deus (cf. *Lumen gentium*, 9-14) e não só a poucos eleitos e iluminados».²

Por favor, vigiemos contra esta tentação, especialmente nos Seminários e em todo o processo formativo. Confesso-vos que me preocupa a formação dos seminaristas: que sejam pastores ao serviço do povo de Deus; como deve ser um pastor, com a doutrina, com a disciplina, com os Sacramentos, com a proximidade, com as obras de caridade, mas que tenham esta consciência de povo. Os Seminários devem pôr o acento no facto que os futuros sacerdotes sejam capazes de servir o santo povo fiel de Deus, reconhecendo a diversidade de culturas e renunciando à tentação de qualquer forma de clericalismo. O sacerdote é ministro de Jesus Cristo, o protagonista que Se torna presente em todo o povo de Deus. Os sacerdotes de amanhã devem formar-se olhando para o ama-

Em memória de Santo Alberto Hurtado

«Partilha» é a palavra-chave do encontro que o Papa Francisco teve no final da tarde com noventa jesuítas do Chile e com cerca de quarenta assistidos pelo Hogar de Cristo, a obra que disponibiliza casas de acolhimento para os marginalizados, fundada pelo santo chi-

leno Alberto Hurtado, também ele sacerdote da companhia de Jesus. No final da tarde de terça-feira, 16 de janeiro, o Pontífice foi em visita particular ao santuário erigido em memória de padre Hurtado no bairro da estação central de Santiago. Acompanhado pelo provincial, rezou na capela que conserva os despojos do irmão de hábito falecido com apenas 51 anos em 1952, beatificado em 1994 e canonizado em 2005. Particularmente comovedor foi o momento de partilha vivido pelo Pontífice com os hóspedes de Hogar, depois de ter escutado as palavras de boas vindas do capelão Pablo Walker e o breve testemunho da voluntária Liliana López. Foram-lhe oferecidos doces típicos, «sopaipillas», e mate. Francisco abençoou a comida, juntamente com as mãos que a tinham preparado, as que a partilham e as que a recebem, com os bons votos de que essa partilha ensine a partilhar o caminho, a vida e o Céu. O encontro concluiu-se com a recitação do Pai-Nosso e com a troca de alguns dons.



Na penitenciária feminina de Santiago

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 5

«Menina, sou Eu que te digo: levanta-te!» (Mc 5, 41). Todos a consideravam morta, Jesus não. Iniciativas deste tipo são sinal vivo de Jesus que entra na vida de cada um de nós – Ele que ultrapassa toda a zombaria, que não dá por perdida nenhuma batalha – toma-nos pela mão e convida-nos a levantar. Como é bom haver cristãos e pessoas de boa vontade – sejam elas da crença que for, de qualquer opção religiosa ou mesmo não religiosa na vida, mas de boa vontade – que seguem os passos de Jesus, que têm a coragem de entrar e ser sinal daquela mão estendida que faz levantar! Eu te peço: levanta-te! Sempre... levantar-se.

Todos sabemos que muitas vezes, infelizmente, a pena da prisão se reduz sobretudo a um castigo, sem oferecer meios adequados para gerar processos. É aquilo que eu dizia a propósito da esperança: olhar para a frente, gerar processos de rein-

serção. Este deve ser o vosso sonho: a reinserção. E se for longo o caminho a percorrer, faz o melhor possível para que seja mais breve. Mas sempre reinserção. A sociedade tem a obrigação – a obrigação! – de vos reinserir a todas vós. Quando digo «reinserir a todas vós», quero dizer reinserir cada uma de vós, cada uma com um processo pessoal de reinserção: uma com um caminho a fazer, outra com outro; uma durante um tempo mais longo, outra mais breve; mas uma pessoa que está a caminho da reinserção. Isto deveis mantê-lo fixo na mente e deveis exigí-lo. E é isto que significa gerar um processo, ativar um processo. E espaços como estes, que promovem programas de habilitação laboral e acompanhamento para recompor vínculos, são sinal de esperança e de futuro. Demos a nossa ajuda, para que cresçam. A segurança pública não se deve reduzir apenas a medidas de maior controle, mas sobretudo deve ser construída com medidas de preven-

ção, com trabalho, educação e mais vida comunitária.

Com estes pensamentos, quero abençoar-vos a vós todas e também saudar os agentes de pastoral, os voluntários, o pessoal, nomeadamente os funcionários da Gendarmeria e as suas famílias. Rezo por vós. Tendes uma tarefa delicada e complexa e, por isso, espero que as autoridades possam assegurar-vos também as condições necessárias para realizardes o vosso trabalho com dignidade. Dignidade, que gera dignidade. A dignidade é contagiosa, contagia-se mais do que a gripe; a dignidade contagia-se. A dignidade gera dignidade.

A Maria – Ela é Mãe e, para Ela, somos filhos: vós sois suas filhas – pedimos-lhe que interceda por vós, por cada um dos vossos filhos, pelas pessoas que trazeis no coração e vos cubra com o seu manto. E peço-vos, por favor, que rezeis por mim, porque preciso. Obrigado!

CONTINUA NA PÁGINA 12

Celebrado o dia mundial do migrante e do refugiado

Vencer o medo

Acolher significa abrir-se ao outro e respeitar as regras

Os receios de quantos são acolhidos e de quem acolhe são «plenamente compreensíveis do ponto de vista humano», mas o «pecado é deixar que estes medos determinem as nossas respostas, condicionem as nossas escolhas, comprometam o respeito e a generosidade, alimentem o ódio e a recusa», disse o Papa Francisco durante a missa celebrada na manhã de domingo, 14 de janeiro, na basílica de São Pedro, por ocasião do Dia mundial do migrante e do refugiado.

Este ano desejei celebrar o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado com uma Missa a que foram convidados em particular vós, migrantes, refugiados e requerentes de asilo. Alguns de vós chegaram há pouco à Itália, outros são residentes desde há muitos anos e aqui trabalham,

e ainda outros constituem as chamadas “segundas gerações”.

Para todos ressoou nesta assembleia a Palavra de Deus, que hoje nos convida a aprofundar a especial chamada que o Senhor dirige a cada um de nós. Ele, como fez com Samuel (cf. *1 Sm* 3, 3b-10.19), chama-



Durante o Angelus na vigília da viagem

Acompanhai-me com a oração

O pedido de oração na vigília da partida para o Chile e o Peru, e o anúncio da mudança de data para a celebração dos próximos dias mundiais do migrante e do refugiado distinguiram o Angelus de 14 de janeiro. Antes da recitação da prece mariana, como de costume, o Pontífice comentou o Evangelho dominical.

Bom dia, caros irmãos e irmãs!

Como nas festas da Epifania e do Batismo de Jesus, também a página do Evangelho de hoje (cf. *Jô* 1, 35-42) propõe o tema da *manifestação* do Senhor. Desta vez é João Batista que o indica aos seus discípulos, como «o Cordeiro de Deus» (v. 36), convidando-os deste modo a *segui-lo*. E assim é para nós: Aquele que contemplamos no mistério do Natal, agora somos chamados a *segui-lo* na vida quotidiana. Portanto, o Evangelho hodierno introduz-nos perfeitamente no tempo litúrgico comum, um tempo que serve para animar e averiguar o nosso caminho de fé na vida habitual, numa dinâmica que se move entre *epifania* e *seguimento*, entre *manifestação* e *vocação*.

A narração do Evangelho indica as características essenciais do itinerário de fé. Existe um itinerário de fé, e trata-se do percurso dos discípulos de todos os tempos, também nosso, a partir da pergunta que Je-

sus dirige aos dois que, impelidos por João Batista, se põem a segui-lo: «*Que procurais?*» (v. 38). É a mesma pergunta que, na manhã de Páscoa, o Ressuscitado dirigirá a Maria Madalena: «*Mulher, quem procuras?*» (*Jô* 20, 15). Como seres humanos, cada um de nós está à procura: em busca de felicidade, de amor, de vida boa e repleta. Deus Pai concedeu-nos tudo isto no seu Filho Jesus.

Nesta busca é fundamental o papel de uma verdadeira *testemunha*, de uma pessoa que primeiro percorreu o caminho e encontrou o Senhor. No Evangelho, João Batista é esta testemunha. Por isso, pode orientar os discípulos para Jesus,

que os leva a participar numa nova experiência, dizendo: «*Vinde ver*» (v. 39). E aqueles dois já não poderão esquecer a beleza de tal encontro, a ponto que o evangelista menciona até a hora: «*Era por volta da hora décima*» (*ibid.*). Somente um *encontro pessoal com Jesus* gera um caminho de fé e de discipulado. Poderíamos viver muitas experiências, fazer muitas coisas, estabelecer relações com numerosas pessoas, mas só o encontro com Jesus, na hora que Deus conhece, pode dar sentido pleno à nossa vida e tornar fecundos os nossos projetos e as nossas iniciativas.

CONTINUA NA PÁGINA 10



CONTINUA NA PÁGINA 10

do de cada época (cf. *Mt* 25, 35-43). E, para o forasteiro, o refugiado, o deslocado e o requerente de asilo, cada porta da nova terra é também uma ocasião de encontro com Jesus. O seu convite «*Vinde ver!*» é hoje dirigido a todos nós, comunidades locais e recém-chegados. É um convite a superar os nossos medos para poder ir ao encontro do outro, para o acolher, conhecer e reconhecer. É um convite que oferece a oportunidade de se fazer próximo do outro para ver onde e como vive. No mundo de hoje, para os recém-chegados, acolher, conhecer e reconhecer significa conhecer e respeitar as leis, a cultura e as tradições dos países em que são acolhidos. Significa ainda compreender os seus receios e apreensões para o futuro. E para as comunidades locais, acolher, conhecer e reconhecer significa abrir-se à riqueza da diversidade sem preconceitos, compreender as potencialidades e as esperanças dos recém-chegados, bem como a sua vulnerabilidade e os seus temores.

O encontro autêntico com o outro não termina no acolhimento, mas compromete-nos a todos nas outras três ações que evidenciam na Mensagem para este Dia: *proteger, promover e integrar*. E, no encontro autêntico com o próximo, seremos capazes de reconhecer Jesus Cristo que pede para ser acolhido, protegido, promovido e integrado? Como nos ensina a parábola evangélica do juízo universal, o Senhor tinha fome, sede, estava nu, doente, era estrangeiro e estava na prisão, e foi socorrido por alguns, mas não por outros (cf. *Mt* 25, 31-46). Este encontro autêntico com Cristo é fonte de salvação, uma salvação que deve ser anunciada e levada a todos, como nos mostra o apóstolo André. Depois de ter revelado a seu irmão Simão: «*Encontrámos o Messias*» (*Jô* 1, 41), André condu-lo a Jesus para que faça a mesma experiência do encontro.

Não é fácil entrar numa cultura alheia, pôr-se no lugar de pessoas tão diferentes de nós, compreender os seus pensamentos e experiências. E assim renunciamos com frequência ao encontro com o outro e erguemos muros para nos defendermos. As comunidades locais, por vezes, têm medo que os recém-chegados perturbem a ordem constituída, “roubem” alguma coisa daquilo que se construiu com tanto esforço. Os recém-chegados também têm medos: receiam o confronto, o juízo, a discriminação.

Missa matutina em Santa Marta

Sexta-feira, 12 de janeiro

A coragem da oração

Para rezar de verdade, o cristão precisa de «coragem» porque, fortalecido na sua fé, deve chegar até a desafiar o Senhor, encontrando sempre o modo de superar as inevitáveis «dificuldades» sem duvidar. Foi uma verdadeira averiguação sobre o estilo de oração de cada um, que o Papa sugeriu na missa celebrada em Santa Marta. A inspiração para a homilia foi a atitude do leproso e do paralítico que pedem a Jesus para ser curados, como narra o Evangelho de Marcos.

«A liturgia de hoje faz ouvir este trecho do Evangelho, que é uma cura: Jesus cura», observou Francisco, referindo-se ao trecho (2, 1-12) onde se narra, precisamente, a cura do paralítico. Mas também a liturgia do dia precedente tinha proposto «outra cura»: a do leproso, citada sempre por Marcos (1, 40-45). São duas curas, acrescentou, «por solicitação da pessoa doente: ambos pediram ao Senhor para os curar».

«Isto faz-nos pensar – explicou o Papa – como é a oração para pedir algo ao Senhor no Evangelho, como rezam as pessoas que alcançaram o que pediram». No trecho proposto no dia 11 pela liturgia «foi muito simples: um leproso foi ter com Jesus, fitou-o e disse-lhe: “Se quiseres, podes purificar-me”». Em síntese, «desafiou-o: se quiseres, podes». E

«a resposta de Jesus é imediata: “quero, sê purificado”».

Portanto, insistiu Francisco, «este homem mostra-nos que para pedir algo ao Senhor é preciso ter fé». E o leproso diante de Jesus «tinha fé, era corajoso, desafiou-o: se quiseres, podes; se não me curares, é porque não o queres». Diz «tudo claramente, mas tinha fé, e a verdadeira oração nasce desta fé».

«Mas havia outro homem – afirmou o Papa, referindo-se sempre às narrações evangélicas – que pediu a Jesus para curar o filho possuído pelo demónio, dizendo: “Se puderes, faz algo”». Diante destas palavras, Jesus respondeu: «Se tivésseis fé como um grão de mostarda». Perante aquele homem que duvidava, Jesus respondeu que «tudo é possível para quem crê». Mas eis que, respondendo, «aquele pobre homem cheio de angústia» disse: «Creio, Senhor, mas aumentai a minha fé frágil!».

É preciso ter «sempre a fé no início – explicou – mas ele tinha pouca fé», segundo a narração do Evangelho. Ao contrário, o «leproso tinha firmeza, desafiou Jesus. E agindo assim ensina-nos, sugeriu o Papa, que «sempre, quando nos aproximamos do Senhor para pedir algo, devemos começar pela fé e fazê-lo na fé: tenho fé que me podes curar, creio que tu podes fazer isto». É preciso «ter a coragem de o desafiar, como o leproso de ontem, o paralítico de hoje».

Portanto, «a oração na fé». E a tal propósito, o Pontífice convidou a perguntar-se: «Como rezo eu? Quando preciso de algo, como o peço? Peço-o com fé ou como um pagão?». Simplesmente repito: «Senhor, preciso disto!» ou «tenho verdadeiro interesse por aquilo que peço? Ou se vier, vem; caso contrário, é má sorte: não, isto não funciona assim».

Com efeito, insistiu Francisco, «a oração, quando peço algo, começa a partir da fé; mas se eu não tiver tanta fé», posso «dizer como aquele homem, o pai do menino: “Creio, Senhor, mas aumentai a minha fé que é pouca”». Por isso, sugeriu, devemos «começar a prece assim, e com aquela fé desafiar o Senhor».

Mas «muitas vezes – reconheceu – há dificuldades, não é como o caso do leproso: “Quero, sê curado”». Ao contrário, «como no trecho do Evangelho de hoje, chegam com o paralítico, com o leproso, e havia uma multidão dentro e fora da casa, não conseguiam aproximar-se». Sem dúvida, «se tivesse sido uma pessoa poderia abrir caminho e ir, mas havia quatro pessoas com o leproso: era impossível». Mas «eles queriam que o seu amigo fosse curado».

E «também aquele paralítico queria ser curado – prosseguiu o Papa – e foram atrás da casa, subiram no telhado, abriram uma fenda e fizeram descer o leito com o paralítico diante de Jesus: que bonito presente!». E Jesus, enquanto «pregava, vê descer aquele homem, mas eles queriam que o seu amigo fosse curado, queriam isto: havia uma dificuldade e souberam ir além das dificuldades, procurar o modo de se aproximar de Jesus com a fé que pode curar». E

«tiveram a coragem de procurar o modo».

«No Evangelho há muitas pessoas como esta», recordou o Pontífice. «Pensemos naquela velhinha que há dezoito anos sofria de hemorragias: Jesus estava distante, mas havia uma grande multidão, e diz: “Se eu conseguirei tocar a orla do seu manto, serei salva”». E «com fé forte abriu caminho no meio da multidão: foi, foi e tocou». E «Jesus deu-se conta disso e ela ficou curada». Eis que é preciso ter «coragem para lutar e chegar ao Senhor, coragem para ter fé no início: “Se quiseres, podes curar-me, se quiseres, eu creio”». E também «coragem para me aproximar do Senhor, quando existem dificuldades». É preciso ter «aquela coragem: muitas vezes é preciso ter paciência e saber esperar os tempos, sem desistir, indo sempre em frente». Não teria sentido aproximar-me «ao Senhor com fé» e dizer: «Se quiseres, podes dar-me esta graça», e «então, visto que depois de três dias a graça não chega», pedir «outra coisa e esquecer». É preciso ter «coragem».

Nesta linha, afirmou o Papa, há também «muitos santos: pensemos em Santa Mónica que rezou, chorou

muito pela conversão do seu filho Agostinho» e «conseguiu alcançá-la». Eis que é preciso ter «coragem para desafiar o Senhor, coragem para se pôr em jogo». Poder-se-ia dizer: e «se eu não for curado, se a graça não chegar?». Talvez seja «melhor não forçar muito». Não, replicou claramente o Papa: «Na oração insiste-se muito, e quando há dificuldades, elas devem ser superadas, como eles fizeram».

«A oração cristã – reiterou Francisco – nasce da fé em Jesus e com a fé vai sempre além das dificuldades». E «uma frase para a trazer hoje no nosso coração ajudar-nos-á; é do nosso pai Abraão, a quem foi prometida a herança, ou seja, que com cem anos teria um filho». Com efeito, «diz o apóstolo Paulo: “acreditou” e assim foi justificado». Teve «fé» e «pôs-se a caminho»: fé e fazer tudo para alcançar aquela graça que estou a pedir». Concluindo, recordou que «o Senhor nos disse: “Pedi e ser-vos-á dado”. Tomemos também esta palavra e tenhamos confiança, mas sempre com fé e pondo-nos em jogo». Precisamente «esta é a coragem que tem a oração cristã: se uma oração não for corajosa não será cristã».

Angelus na vigília da viagem

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 9

Não é suficiente construir para si uma imagem de Deus baseada em boatos; é preciso ir à procura do Mestre divino e ir onde Ele habita. A pergunta dos dois discípulos a Jesus: «Onde moras?» (v. 38), tem um forte sentido espiritual: exprime o desejo de saber onde mora o Mestre, para poder *estar com Ele*. A vida de fé consiste no desejo de estar com o Senhor e, portanto, numa busca contínua do lugar onde Ele mora. Isto significa que somos chamados a superar uma religiosidade rotineira e óbvia, reavivando o encontro com Jesus na oração, na meditação da Palavra de Deus e na frequência dos Sacramentos, para estar com Ele e dar frutos graças a Ele, à sua ajuda, à sua dádiva.

Procurar Jesus, encontrar Jesus, seguir Jesus: este é o caminho. Procurar Jesus, encontrar Jesus, seguir Jesus.

A Virgem Maria nos sustenha neste propósito de seguir Jesus, de ir e estar onde Ele mora, para ouvir a sua Palavra de vida, para aderir Àquele que tira o pecado do mundo, para nele encontrar esperança e impulso espiritual.

No final do Angelus, o Pontífice anunciou que «doravante, por motivos pastorais, o Dia mundial do migrante e do refugiado será celebrado no segundo domingo de setembro», e depois pediu orações pela sua viagem à América do Sul.

Prezados irmãos e irmãs!

Hoje comemora-se o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado. Esta

manhã celebri a Missa com um bom grupo de migrantes e refugiados residentes na diocese de Roma. Na minha mensagem para este Dia, sublinhei que hoje as migrações são um sinal dos tempos. «Cada forasteiro que bate à nossa porta é uma ocasião de encontro com Jesus Cristo, que se identifica com o estrangeiro acolhido ou rejeitado de cada época (cf. Mt 25, 35-43). [...] A este respeito, desejo reafirmar que «a nossa resposta comum poderia articular-se à volta de quatro verbos fundados sobre os princípios da doutrina da Igreja: acolher, proteger, promover e integrar». Doravante, por motivos pastorais, o Dia mundial do migrante e do refugiado será celebrado no segundo domingo de setembro. O próximo, ou seja, o centésimo quinto, será no domingo, 8 de setembro de 2019.

Amanhã irei ao Chile e ao Peru. Peço-vos que me acompanheis com a oração nesta viagem apostólica.

Saúdo todos vós, romanos e peregrinos: as famílias, os grupos paroquiais, as associações.

Dirijo uma saudação especial à comunidade latino-americana de Santa Lúcia em Roma, que celebra 25 anos de fundação. Neste feliz aniversário, peço ao Senhor que vos encha de bênçãos para que possais continuar a dar testemunho da vossa fé no meio das dificuldades, alegrias, sacrifícios e esperanças da vossa experiência migratória. Obrigado!

E desejo bom domingo a todos. Recomendando-vos que não vos esqueçais de rezar por mim. Bom almoço e até à vista!

Vencer o medo

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 9

minação, o fracasso. Estes medos são legítimos, fundados em dúvidas plenamente compreensíveis de um ponto de vista humano. Ter dúvidas e receios não é um pecado. Pecado é deixar que estes medos determinem as nossas respostas, condicionem as nossas escolhas, comprometam o respeito e a generosidade, alimentem o ódio e a recusa. Pecado é renunciar ao encontro com o outro, ao encontro com o diverso, ao encontro com o próximo, que de facto é uma ocasião privilegiada de encontro com o Senhor.

Deste encontro com Jesus presente no pobre, em quem é recusado, no refugiado, no requerente de asilo, brota a nossa oração de hoje. É uma oração recíproca: migrantes e refugiados oram pelas comunidades locais, e as comunidades locais oram pelos recém-chegados e pelos migrantes de mais longa permanência. A matéria intercessão de Maria Santíssima confiamos as esperanças de todos os migrantes e refugiados do mundo e as aspirações das comunidades que os acolhem para que, em conformidade com o supremo mandamento divino da caridade e do amor ao próximo, aprendamos todos a amar o outro, o estrangeiro, como nos amamos a nós mesmos.

INFORMAÇÕES

Audiências

O Papa Francisco recebeu em audiências particulares:

A 11 de janeiro

D. Luis Francisco Ladaria Ferrer, Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé.

Sua Ex.^{cia} o Senhor Gilbert F. Houngbo, Presidente do Fundo Internacional para o Desenvolvimento Agrícola (IFAD).

D. Ettore Balestrero, Nuncio Apostólico na Colômbia; e D. Marek Solczyński, Nuncio Apostólico na Tanzânia.

Sua Ex.^{cia} o Pastor Jens-Martin Kruse, da Comunidade Evangélica Luterana de Roma, com a Família.

O Senhor Cardeal Stanislaw Rylko, Arcepreste da Basílica Papal de Santa Maria Maior.

Sua Ex.^{cia} o Senhor Jonghyu Jeong, Embaixador da Coreia, em visita de despedida.

A 12 de janeiro

O Senhor Cardeal Fernando Filoni, Prefeito da Congregação para a Evangelização dos Povos.

Suas Ex.^{cias} o Senhor Nicola Zingaretti, Presidente da Região do Lácio; e a Senhora Virginia Raggi, Presidente da Câmara Municipal de Roma.

A 13 de janeiro

Os Senhores Cardeais Joseph Zen Ze-kiun, Bispo Emérito de Hong Kong; e Marc Ouellet, Prefeito da Congregação para os Bispos; D. Claudio Cipolla, Bispo de Pádua (Itália); o Senhor Cardeal Dominique Mamberti, Prefeito do Supremo Tribunal da Assinatura Apostólica; D. Salvatore Fisichella, Presidente do Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização; e o Rev.^{mo} Mons. Luigi Mistò, Secretário da Secção Administrativa da Secretaria para a Economia.

Renúncias

O Santo Padre aceitou a renúncia:

No dia 12 de janeiro

De D. Anthony Chirayath, ao governo pastoral da Eparquia de Sagar dos Sírio-Malabares (Índia).

Nomeações

O Sumo Pontífice nomeou:

A 10 de janeiro

Ordinário Militar para a Argentina, D. Santiago Olivera.

A 11 de janeiro

Membros da Congregação para as Causas dos Santos, D. Vincenzo Paglia, Arcebispo-Bispo Emérito de Terni-Narni-Amelia (Itália), Presi-

dente da Pontifícia Academia para a Vida; e D. Demetrio Fernández González, Bispo de Córdova (Espanha).

Membro do Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos, D. Luis Francisco Ladaria Ferrer, Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, até esta data Conselheiro no mesmo Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos.

A 12 de janeiro

Bispo da Eparquia de Sagar dos Sírio-Malabares (Índia), o Rev.^{do} Pe. James Athikalam, MST, até hoje Diretor do Nirmal Jyothi Mental Health Programme de Bhopal.

D. James Athikalam, MST, nasceu a 5 de julho de 1958 em Pulinkunnu (Índia). Recebeu a Ordenação sacerdotal no dia 22 de março de 1984.

A 13 de janeiro

Enviado Especial à celebração do 150º aniversário de ereção da Diocese de Scranton (EUA), que terá lugar a 4 de março, o Senhor Cardeal Roger Michael Mahony, Arcebispo Emérito de Los Angeles.

Consultores da Congregação para as Causas dos Santos, os Rev.^{dos} Padres Silvano Giordano, O.C.D.; e Roberto Fornaciari, O.S.B. Cam.; e a Professora Tiziana Maria Di Blasio, Docente de História da Igreja na Pontifícia Universidade Gregoriana em Roma.

Prelados falecidos

Adormeceu no Senhor:

No dia 16 de janeiro

D. Geevarghese Divannasios Ottathengil, Bispo Emérito de Puthur dos Sírio-Malabares (Índia).

O saudoso Prelado nasceu em Kunnanthanam (Índia), a 1 de novembro de 1950. Foi ordenado Sacerdote no dia 20 de abril de 1978. Recebeu a Ordenação episcopal em 5 de fevereiro de 1997.

Igrejas Católicas Orientais

A 12 de janeiro, o Sínodo dos Bispos da Igreja Arqueiepiscopal-Mor Sírio-Malabar, depois de ter aceitado a renúncia ao governo pastoral da Eparquia de Idukki dos Sírio-Malabares (Índia), apresentada por D. Mathew Anikuzhikattil, e de ter recebido o prévio consentimento pontifício para os candidatos ao episcopado, nomeou Bispo da mesma Eparquia o Rev.^{do} Pe. John Nellikunnel, até esta data Decano da Faculdade de Filosofia no Saint Joseph's Pontifical Seminary, Mangalapuruzha.

D. John Nellikunnel nasceu no dia 22 de março de 1973, em Kadaplattom (Índia). Foi ordenado Sacerdote a 30 de dezembro de 1998.

Credenciais do embaixador do Egito



Na manhã de quinta-feira, 22 de dezembro de 2017, o Papa recebeu em audiência Sua Excelência o senhor Mahmoud Ahmed Samir Samy, embaixador da República Árabe do Egito para a apresentação das cartas com as quais é acreditado junto da Santa Sé

Sua Excelência o Senhor Mahmoud Ahmed Samir Samy, novo embaixador da República Árabe do Egito junto da Santa Sé, nasceu a 13 de setembro de 1963. Obteve o bacharelado em direito (Ein-Shams University – faculdade de direito, Cairo, 1984), e depois um diploma em direito do refugiado (Instituto Internacional de Direito Humanitário, Itália, 2001). Seguiu um *Visitors Programme* para os diplomatas acreditados na Onu na New York School of Law (Unitar, Nova Iorque, 2005). Obteve também um diploma na Academia de Direito e Política dos Oceanos, Rodas (Grécia, 2005). Desempenhou os seguintes cargos: adido no departamento dos Assuntos legais internacionais e Tratados (1986-1988); terceiro secretário de embaixada em Roma e vice-representante permanente junto da FaO (1988-1992); segundo secretário da divisão das Questões ambientais junto do ministério dos Negócios

estrangeiros (1992-1994); primeiro secretário de embaixada em Washington D.C. (1994-1998); conselheiro legal no gabinete do ministro dos Negócios estrangeiros (1998-2002); responsável pela Unidade de antiterrorismo no Gabinete do ministro dos Negócios estrangeiros (2000-2002); consultor legal e representante do Egito no sexto comité da assembleia geral da missão permanente nas Nações Unidas em Nova Iorque (2002-2006); vice-assistente do ministro dos Negócios estrangeiros, responsável pelo departamento para os Tratados internacionais (2008-2009); embaixador nos Países Baixos (2009-2013); vice-assistente do ministro dos Negócios estrangeiros e responsável pelo departamento do Meio ambiente e do Desenvolvimento sustentável (2013-2015). Desde 2015 é assistente do ministro dos Negócios estrangeiros para os assuntos legais internacionais e os Tratados.

O embaixador do Uruguai apresentou as credenciais

Sua Excelência o senhor Mario Juan Bosco Cayota Zappettini, novo embaixador do Uruguai junto da Santa Sé, nasceu em Montevideu, a 18 de agosto de 1936. É casado e tem 5 filhos. Frequentou as escolas básica e secundária no Colégio Sagrado Coração "Antigo Seminário", da companhia de Jesus e, sucessivamente, formou-se em filosofia e obteve um doutoramento de pesquisa na Universidade de La Plata, na Argentina. Desempenhou os seguintes cargos: professor de história e filosofia nas escolas secundárias; docente das mesmas matérias em numerosos seminários a nível universitário e também no ateneu de Petrópolis, no Brasil, na Pontifícia universidade católica do Chile e na universidade dos estudos de Trento, na Itália; docente de história e filosofia na faculdade de teologia Mons. Mariano Soler, em Montevideu (1976-2006); presidente do Partido democrático cristão, membro da Frente ampla, desempenhando também o cargo de vice-presidente até novembro de 2016; conselheiro e presidente da junta departamental de Montevideu (2000-2005); embaixador junto da Santa Sé (2005-2011); ministro da Ordem franciscana secular; diretor do Centro franciscano para a documentação histórica (Cefradohis), projeção América Latina. Atualmente é membro da comissão «Verdad y Justicia».



Na manhã de quinta-feira, 4 de janeiro, o Papa Francisco recebeu em audiência Sua Excelência o senhor Mario Juan Bosco Cayota Zappettini, novo embaixador do Uruguai por ocasião da apresentação das cartas com as quais é acreditado junto da Santa Sé

GIANPAOLO ROMANATO

Juli está situada no centro dos Andes, a quase 4.000 metros de altura. Convém subir até ali por etapas, habituando-se gradualmente à rarefação do ar. E no entanto, esta vila de nem sequer dez mil habitantes, na margem meridional do Lago Titicaca, tão rico de igrejas a ponto de merecer o título de *pequena Roma da América*, está na origem de todo o sistema missionário criado pelos jesuítas do Novo Mundo.

Os historiadores concentraram-se principalmente nas Reduções guaraniticas, hoje distribuídas entre o Paraguai, a Argentina e o Rio Grande do Sul, no Brasil. Estas missões tornaram-se praticamente um modelo exemplar da estratégia jesuítica na América meridional e sobre elas existe uma bibliografia imponente, não apenas em espanhol e português, nem só especializada. No entanto, estudando a geografia e a organização da Companhia de Jesus, compreendeu-se que ela atuava através de um sistema de assentamentos missionários muito mais amplo e complexo, que ia (com referência aos atuais confins estatais) da Bolívia à Colômbia e à Venezuela, do Peru ao Chile e ao Brasil, abrangendo uma grande variedade de popu-



O templo da Assunção em Juli (Puno, Peru)

O caminho aberto pelos missionários jesuítas

No coração dos Andes

lações, dos Moxos aos Maynas, dos Aymaras aos Quechuas, dos Guaranis aos Chiquitos, para citar apenas algumas delas.

Algumas destas missões ainda estão ativas (as bolivianas da Chiquitania), outras são montes de ruínas imponentes (as paraguaias), outras ainda desapareceram totalmente, arrasadas pela expulsão dos jesuítas dos territórios portugueses (1759) e espanhóis (1767), pelo fim do sistema colonial, pelas inúmeras guerras que acompanharam o nascimento das atuais Repúblicas latino-americanas. Nem sequer hoje estão em paz. O departamento de Casanare, na Colômbia, que acabou no centro da guerrilha e do narcotráfico, foi sede de um florescente povoamento de missões.

O patrocínio da Unesco reconheceu como património da humanidade as bolivianas e as paraguaias, dando-lhes enorme visibilidade, certamente merecida. Mas deste modo permaneceu na sombra o modelo do qual elas nasceram. Com efeito, hoje só os estudiosos recordam que toda a organização das missões jesuíticas entre os indígenas da América teve origem precisamente em Juli, onde se chega partindo de Puno, capital da região, percorrendo aproximadamente setenta quilómetros numa atmosfera incrivelmente límpida e clara, ao longo das margens do Lago Titicaca, cujas águas são azul-escuro como o céu destes intermináveis planaltos andinos. Quando fui ali, há cerca de vinte anos, a vila e as suas igrejas mostrava o desgaste do tempo, mas conservavam o fascínio e a imponência de uma história antiga e gloriosa. Hoje penso que tudo está a melhorar.

Aqui chegaram primeiro os dominicanos, substituídos desde 1576 pelos jesuítas. Eles estavam na América havia pouco mais de vinte anos e tinham trabalhado sempre com missões itinerantes. Juli foi a sua primeira experiência estável a partir da qual, descreve José de Acosta, o mais célebre escritor inaciano daquela época, aprenderam um método que sucessivamente adaptaram em toda a parte.

Em que consistia este método? Podemos resumi-lo nalguns pontos.

Para catequizar os índios da América era necessário aprender a sua língua, falar com eles, comunicar diretamente, sem intermediários e sem intérpretes. E, contemporaneamente, era preciso compreender o seu mundo, a partir da sua maneira de viver, dos objetos quotidianos, das peças de vestuário, dos gestos, da vida comunitária, do modo de rir e de chorar, da tipologia das habitações. Em síntese, era necessário entrar de qualquer maneira na cabeça dos interlocutores, sem pretender algo impossível: que eles entrassem na cabeça dos jesuítas. Este era o ponto basilar, sem o qual todo o processo desabava. E, com efeito, será assim em toda a parte. Se hoje no Paraguai, único caso em toda a América meridional, se fala tanto o guarani como o espanhol (em 2007 e em 2012 Bento XVI inseriu-o no rosário linguístico com o qual desejava Feliz Natal *urbi et orbi*), isto deve-se ao facto de que nas Reduções eram os jesuítas que deviam expressar-se na língua

dos Guaranis, e não os Guaranis na língua dos jesuítas.

Mas em Juli aprenderam outras coisas, que em seguida replicarão em toda a parte. As missões deviam ser economicamente autossuficientes, com adequados cultivos e criações de gado, sem depender de outros, sem permanecer vinculadas ao mercado externo.

Isto foi fácil no Paraguai e na Bolívia, onde o gado e os campos a cultivar superabundavam; foi-o um pouco menos nos Andes, por causa da altitude e do clima. A autossuficiência tinha a finalidade de as manter separadas do ambiente espanhol, que corrompia o indígena, submetendo-o. Deviam ser politicamente autónomas, ou seja, independentes do sistema administrativo colonial, para não serem absorvidas por ele. Somente o poder da Companhia conseguiu garantir tudo isto. Deviam manter também o equilíbrio demográfico, nem demais nem demasiado pouco povoadas. Finalmente, em Juli estudou-se também a organização urbanística e habitacional, que depois se tornou habitual: a praça no centro, a igreja e os edifícios comuns de um lado, as habitações dos outros três.

Em síntese, foi neste remoto povoado andino, quase da mesma altura do Monte Branco, nas margens de um lago de difícil acesso, mas de rara beleza, onde a população atual não é muito diferente daquela de então, que levantou pela primeira vez, concretamente, o enorme problema da inculturação do cristianismo. Sem dúvida, o Papa Francisco, que é muito sensível ao tema da inculturação, quando estiver no Peru repensará nestes seus longínquos irmãos de hábito que, há quinhentos anos, subiram até ali, viveram e morreram no meio daquelas montanhas e dali tiveram a força de abrir uma estrada que voltou a descer e percorreu toda a América do Sul.

Encarar a realidade

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 1

E de novo, como fizera sem hesitar no primeiro discurso às autoridades, Bergoglio voltou a falar do escândalo dos abusos e da «dor pelo dano e pelo sofrimento das vítimas e das suas famílias, que viram atraída a confiança que tinham nos ministros da Igreja». Por isso, acrescentou que é preciso ter a lucidez de «chamar a realidade com o seu nome» e a coragem de pedir perdão.

Mas encarar a realidade deve significar enfrentá-la nas suas mudanças, sem saudades e não obstante todas as dificuldades em compreendê-las, como na narração bíblica do Êxodo. «Frequentemente sonhamos com as «cebolas do Egipto» e esquecemo-nos de que a terra prometida está à frente. Que a promessa é de ontem, mas diz respeito ao amanhã» frisou o Pontífice.

Depois da ressurreição «Jesus Cristo não se apresenta aos seus sem chagas» disse depois Bergoglio: por conseguinte, não se deve dissimular nem esconder as próprias chagas, porque «uma Igreja com as chagas é capaz de compreender as chagas do mundo atual e de assumi-las, sofrê-las, acompanhá-las e procurar saná-las». Sem se pôr no centro porque ali «está o único que pode sanar as feridas e que tem um nome: Jesus Cristo».

Contra a tentação do clericalismo

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 8

nhã: o seu ministério desenrolar-se a num mundo secularizado, pelo que se nos exige, a nós pastores, discernir como prepará-los para realizar a sua missão nesse cenário concreto e não nos nossos «mundos ou situações ideais». Uma missão que se realiza em união fraterna com todo o povo de Deus. Lado a lado, impelindo e incentivando o laicado num clima de discernimento e sinodalidade, duas características essenciais do sacerdote de amanhã. Não ao clericalismo e a mundos ideais, que só entram nos nossos esquemas, mas que não tocam a vida de ninguém.

Para isso, pedir ao Espírito Santo o dom de sonhar; por favor, nunca deixeis de sonhar, sonhar e trabalhar por uma opção missionária e profética que seja capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial

se tornem um instrumento mais adequado para a evangelização do Chile do que para uma autopreservação eclesial. Não tenhamos medo de nos despojar daquilo que nos afasta do mandato missionário.³

Irmãos, era isto que vos queria dizer resumindo as coisas principais que abordamos no decurso das visitas *ad limina*. Encomendemo-nos à proteção de Maria, Mãe do Chile. Rezemos juntos pelos nossos presbitérios, pelas nossas pessoas consagradas; rezemos pelo santo povo fiel de Deus, de que fazemos parte. Obrigado!

¹ Carta ao Cardeal Marc Ouellet, Presidente da Pontifícia Comissão para a América Latina (19 de março de 2016).

² *Ibidem*.

³ Cf. Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 27.